

# METODOLOGIA DE PESQUISA EDUCACIONAL Pedagogia Intercultural



Editores:

Capa: Mandala “Diversidade Intercultural etnocoletiva” é de composição da artista plástica Judite Malaquias.

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Mônica Cidele da Cruz

Online - e - Impresso

## CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

F383m Ferreira, Waldinéia Antunes de Alcântara.  
Metodologia da pesquisa educacional: pedagogia intercultural / Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira. – Cuiabá: VT Print Gráfica, 2020.  
36. p. (Caderno Pedagógico Intercultural, 4).  
  
ISBN : 978-65-00-14578-6  
  
1. Pesquisa. 2. Metodologia. 3. Projeto de Pesquisa. I. Título. II. Título: pedagogia intercultural.  
  
CDU 001.891:37(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

## APRESENTAÇÃO

Olá acadêmico(a) do Curso de Pedagogia Intercultural, estamos ofertando a 7ª etapa, que corresponde aos estudos presenciais. Como já dialogamos anteriormente, desde o primeiro caderno, o seu envolvimento e compromisso para a aprendizagem é muito importante!

Neste caderno pedagógico, disponibilizamos orientações teóricas sobre Pesquisa em Educação e, também, procedimentos para a realização da pesquisa na sua comunidade.

O processo educativo que está se iniciando tem como objetivo ajudar você, acadêmico e acadêmica, com o estudo deste caderno pedagógico, compreender diferentes tipos de pesquisa, bem como orientar, a distância, nesta experiência de ensino remoto específico.

Compreendemos como ensino remoto específico a forma com que vamos dialogar por meio desse material escrito. É remoto, porque vamos fazer diferente do que temos feito nas etapas presenciais, quando estamos no tempo universidade em Barra do Bugres-MT e, também, porque atende à situação atual da pandemia de Covid-19, que nos obriga a mantermos distância, em isolamento social.

Então, essa modalidade de estudo tem particularidades que são próprias. Sendo assim, voltamos a dizer que você é a pessoa que precisa organizar o seu próprio tempo para leituras, pesquisas e resolução de atividades, com orientação da professora responsável pelo eixo temático: METODOLOGIA DE PESQUISA EDUCACIONAL.

É muito importante que você esteja em contato via whatsapp, Facebook, plataforma meet, entre outros meios digitais para dialogar com a professora responsável pelo eixo temático proposto.

Concentre seus estudos e se organize para este eixo temático, no período de 04 a 09 de janeiro de 2021, período em que a professora estará disponível para lhe atender na condução e compreensão deste caderno pedagógico.

Este caderno pedagógico tem como maior objetivo auxiliar na organização dos projetos de pesquisa para, posteriormente, encaminhá-los para uma qualificação diferenciada. Ele está organizado em quatro unidades, apresentadas a seguir:

**Unidade I** - Bases Filosóficas e Epistemológicas da Pesquisa em Educação. Esta unidade tem como finalidade discutir tipos de conhecimentos e conhecimento científico na perspectiva intercultural.

**Unidade II** - Pesquisa Qualitativa e suas técnicas, discute alguns tipos de pesquisa qualitativa na educação.

**Unidade III** - Pesquisa em contexto cultural indígena e os sabedores da

cultura. Na terceira unidade apresentamos experiências de pesquisa no contexto indígena, feito por não indígenas e por pesquisadores indígenas, um pouco da nossa história na FAINDI. E refletimos sobre os consultores nativos.

**Unidade IV** - Elaboração de projetos de pesquisa. Apresentamos um diálogo sobre a organização do projeto de pesquisa, as etapas, até a finalização, em forma de relatório.

Bons estudos!  
Abraços interculturais.

## UNIDADE I - BASES FILOSÓFICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Esta unidade tem como finalidade discutir tipos de conhecimentos e conhecimento científico na perspectiva intercultural.

Para iniciarmos esta conversa, é importante que saibamos que o nosso diálogo será orientado por questões e reflexões que nos auxiliam na prática da pesquisa acadêmica, ou seja, uma pesquisa que tem normas e estruturas pensadas, principalmente, pela Universidade. Vamos juntos apreendermos alguns significados e pensar sobre a sua pesquisa.

A sua pesquisa é importante e ela representa o desejo de investigar, relatar e estudar os fenômenos educativos do seu povo, da escola do seu povo (Fig.1), dos rituais do seu povo, do artesanato do seu povo, do território do seu povo, entre outras coisas.

Fig. 1-Educação escolar indígena - Aldeia Rio Verde/povo Paresi



No entanto, para elaborar e planejar um projeto de pesquisa que atenda aos objetivos interculturais, específicos e diferenciados, é preciso fazer algumas reflexões compartilhadas entre a ciência e etnociência.

**O que é ciência? Quem faz ciência? Quem a produz?  
A quem e para que ela serve?**

A **ciência** é compreendida como uma epistemologia, ou seja, um conhecimento. De acordo com Hilton Japiassu (1988), não é possível explicar com simplicidade o que é epistemologia, pois o conhecimento sempre é muito amplo, de forma que se apresenta dentro de um campo de pesquisa imenso. Etimologicamente, significa discurso (logos) e ciência (episteme), isto é, discurso sobre a ciência, sobre um conhecimento.

A epistemologia sobre a qual estamos dialogando, como uma imensidão de conhecimento, é um fenômeno pensado e estudado há muito tempo. Ela faz parte da história das ciências e das filosofias, que se preocuparam, ao longo da história, em compreender os fenômenos físicos-químicos-sociais-culturais que existem no mundo.

Assim, a epistemologia, que é conhecimento, ajuda a compreender a natureza de um tipo de conhecimento que é chamado de conhecimento científico. Dentro das universidades e centros de pesquisa, estes são produzidos diante de uma orientação estrutural e com metodologias de investigação próprias.

A ciência é uma produção humana e, pelo processo de pesquisa, tem possibilitado à humanidade inúmeros avanços; avanços tecnológicos, avanços na descoberta de tratamentos de saúde, avanço em organizações da educação, como, por exemplo, na educação escolar indígena. A ciência, portanto, apresenta soluções para muitos problemas do mundo em que vivemos, inclusive, abrangendo as comunidades tradicionais, como as comunidades indígenas.

Por outro lado, também, precisamos compreender que a ciência pode e já produziu impactos negativos, quando usada para excluir pessoas. Houve um período em que a ciência foi usada para produzir a barbárie e o racismo científico pela afirmação e medidas de violência, assimilação dos indígenas à sociedade nacional, tudo isso, sob o jugo da existência de raças inferiores, ou seja, os povos originários e os povos negros.

Apenas nos últimos anos, há pouco tempo, no Brasil, mais precisamente, a partir da Constituição de 1988, é que tem sido dada atenção ao protagonismo e à resistência dos povos indígenas, ou seja, ao reconhecimento dos seus direitos. Entre eles, o reconhecimento do direito à educação básica e superior, sendo assim, sujeitos de direitos na produção de pesquisas, sendo pesquisadores dentro de suas realidades com o uso da etnociência.

## **O que seria a etnociência? O que são saberes?**

**A etnociência**, nesta perspectiva, é compreendida como uma base filosófica, que de acordo com Marques (2001), nasce do entrecruzamento entre a sociolinguística, a antropologia cognitiva e as ciências naturais. E o mais importante é que tem como finalidade a produção de estudos de sistemas culturais. Assim, centraliza os processos de pesquisa e de estudo no âmbito das comunidades tradicionais, com bastante ênfase nas comunidades indígenas.

De outra forma, podemos dizer que, pelo processo da metodologia científica, vocês, acadêmicos e acadêmicas do curso de Pedagogia Intercultural, produzirão uma etnociência a partir das compreensões, da pesquisa dos fenômenos e das práticas educativas que ocorrem dentro do espaço de vivências sociais, educacionais, culturais e interculturais. Podemos compreender, também, que a etnociência reúne uma multiplicidade de saberes de diferentes dimensões e contextos que nos ajudam a interpretar as realidades, experiências e vivências das comunidades tradicionais.

Os saberes são os sentidos e os significados das ações dentro das comunidades, eles estão alicerçados, principalmente, no conhecimento ancestral, cultural e tradicional de cada povo originário.

## **Podemos dizer que os saberes são um tipo de conhecimento? Ou o saber é o próprio conhecimento?**

Caro acadêmico e cara acadêmica, para responderem a essa questão é preciso pensar e, se possível, dialogar com quem esteja perto de você. São perguntas de reflexão que nos fazem pensar sobre o que sabemos e aprendemos na família, com a liderança e, em especial, com os anciãos, que são os sabedores da cultura, sendo contadores de histórias, pajés, cantadores (Fig. 2), tocadores de instrumentos sagrados ou protetores de máscaras.

Fig. 2 - Cantadores da festa do Kuarup na Aldeia Kalapalo



Fonte: Ferreira, 2019.

O que representam os saberes, a forma de compreender a vida, a organização, as crenças, a cosmovisão do seu povo? Vamos imaginar o que você aprendeu, desde criança dentro da sua comunidade, o que precisa respeitar, como precisa viver, quais coisas precisa fazer para ser um membro do seu povo. Essas ações fazem parte de uma dimensão de sabedoria que é própria do seu povo e precisa ser valorizada. Conhecer sobre seu próprio povo, descrever sobre o seu grupo cultural é uma forma de registrar um conhecimento que é próprio e específico.

**É importante** que você manifeste no seu projeto de pesquisa, de forma escrita, informações que descrevam o seu grupo cultural. Ao descrever o seu grupo, você estará evidenciando a organização, os costumes e a tradição do seu grupo étnico.

Saber é conhecimento!

Existem várias formas de conhecimento, aliás, os seres humanos, os animais, as plantas e o planeta constroem conhecimento pelas relações entre eles. A natureza sente quando está sendo maltratada e responde a esta ação. O rio, por

exemplo, seca ao perder as matas que o protegem. E como tudo está conectado a tudo, o conhecimento organizado, na forma de Bem viver, fica prejudicado, falta água, modificando a vida para todos os seres que habitam o planeta, o cosmo.

Porém, há outros tipos de conhecimento que são estudados e classificados e que enaltecem o ser humano, como produtores do conhecimento.

Vamos iniciar pelo conhecimento classificado como **conhecimento do senso comum e/ou conhecimento cotidiano**. Esse conhecimento é aquele construído no dia a dia, a partir das nossas experiências e das relações com outras pessoas. Esse conhecimento é popular, vem da oralidade e se constitui a partir dos nossos hábitos e, muitas vezes, é produzido por repetições. Por exemplo, faz parte do senso comum das pessoas entenderem que os povos indígenas são preguiçosos, e isso não é uma verdade, mas, muitas pessoas acabam acreditando. Assim, o conhecimento do cotidiano e/ou senso comum é algo que, pela ciência, não pode ser comprovado como verdade. A vida cotidiana envolve todo o ser humano e é nessa vivência que nos relacionamos uns com os outros, em diferentes grupos. Para Heller (1992), o cotidiano é a vida do ser humano inteiro em todas as suas relações.

**Conhecimento tradicional** - esse conhecimento é adquirido pela oralidade, pelas gerações e constitui conhecimentos que se associam a compreensões da vida em comunidade, principalmente, a partir da relação com a natureza. São provenientes de grupos de autoidentificação como indígenas, quilombolas, pantaneiros, ribeirinhos, etc. De outra forma, o conhecimento tradicional é produzido por povos e/ou por grupos que têm culturas próprias, diferenciadas, específicas, que apresentam pertencimento, cosmologias próprias, organizações diferenciadas e particulares ao grupo, bem como, territorialidade que corresponda a forma de viver desse grupo. Portanto, o conhecimento tradicional é um conhecimento que permite a interação entre cultura, cosmologia, ambiente e território. Assim, como ocorre com o povo Kurâ-Bakairi, que tem a manifestação cultural *lakuigady* (Fig.3). Um conhecimento ancestral e tradicional, onde homens usam máscaras sagradas e dançam agradecendo e pedindo boa alimentação e saúde para o povo.

Fig. 3 - Iakuigady – Aldeia Pakuera



Fonte: Luiz Carlos Tawi Matarim, 2013.

**Conhecimento Científico** - esse tipo de conhecimento é metódico. Ele faz parte da organização da ciência. Produzir um conhecimento científico requer pesquisa, experimentações, coleta de informações, busca para interpretar e compreender fatos e fenômenos. Esse tipo de conhecimento está relacionado ao método científico, ou seja, uma organização de passos e etapas para a realização de uma investigação. Esse conhecimento, geralmente, utiliza outros conhecimentos que são chamados de teorias. Eles estão publicados em livros, na *internet*, em documentos, enfim, em vários lugares.

É importante dizer que existem outros tipos de conhecimentos (o religioso, o pedagógico, o mítico, etc), mas selecionamos esses três para nossa conversa. Quais desses três conhecimentos é mais conhecido e vivido por você? Faça uma reflexão!

Estamos dialogando com você sobre esses conhecimentos, porque teremos que juntos/as iniciar um processo de pesquisa e, para isso, é importante nos prepararmos, estudando e dialogando sobre ciência, etnociência e tipos de conhecimentos. Então, vamos lá...

**Para pensar:**

**Você acha que o conhecimento científico é mais importante que os outros conhecimentos? Ele tem maior validade?**

Houve um tempo em que muitas pessoas achavam que o conhecimento científico era o único tipo de conhecimento e, portanto, o de maior validação. Esse pensamento levou esse tipo de conhecimento a ser considerado como um paradigma dominante, ou seja, apenas ele era o conhecimento verdadeiro e só tinham valor as pessoas que o produziam.

Hoje, muitas mudanças ocorreram, existem os que ainda pensam que o conhecimento científico é o único e verdadeiro, mas existem grupos que compreendem que existem diversos tipos de conhecimentos, de outros saberes e que todos são importantes para a manutenção das sociedades, dos grupos e da vida como um todo.

Mesmo reconhecendo a diversidade de conhecimentos que existem, ainda permanece dentro das universidades brasileiras, formas de organizar e sistematizar pesquisa, pois esse é também um tipo de conhecimento. Para que possamos produzi-lo, é preciso dominar as técnicas de pesquisa, assim, como acadêmico e acadêmica da Pedagogia Intercultural, precisa compreender sobre as bases filosóficas e epistemológicas da pesquisa em Educação.

Para pensar, podemos nos perguntar: Quais são as bases filosóficas de pesquisa em Educação?

Para responder, dialogando com você, teremos que apresentar um pouco da história da educação e as formas com que a educação escolarizada foi pensada. Aqui vamos apresentar um texto curto, mas orientamos que você faça outras leituras e pesquisas para melhor compreender sobre o assunto. Falar de bases filosóficas e epistemológicas em educação é apresentar alguns métodos científicos utilizados em pesquisa da Educação.

Historicamente, foi com os jesuítas - com a Companhia de Jesus – (Fig.4) que se deu início à construção da educação brasileira. Sabe-se que o objetivo era de catequizar, de colonizar os povos originários do país e um dos meios escolhidos foi a educação escolarizada.

Fig. 4 - Os Jesuítas e a educação



Fonte: Domínio público - <https://www.visiteobrasil.com.br/sul/bahia/historia/conheca/a-educacao>

Esse foi o tipo mais marcante de educação no tempo do Brasil colônia. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, a educação escolarizada foi reorganizada e passou a ser responsabilidade do Estado Português. O resultado com a expulsão da Companhia de Jesus foi o enfraquecimento deste tipo de organização educativa. Assim, no Brasil Império, observou-se que havia grande necessidade de atender o país no processo de escolarização, porém, porém, as ações de educação - onde existiam - permaneceram ligadas à religião, que continuou sendo elemento central, influenciador de todo o sistema educacional da época.

No período do Brasil República, criou-se o Ministério da Educação, e a preocupação em organizar a escolarização no país foi ficando cada vez mais forte. À medida que o tempo foi passando, legislações específicas para a organização da educação escolarizada foram surgindo no país.

É importante salientar que em todo o período histórico do país, as políticas educacionais voltadas para os povos indígenas sempre tiveram como finalidade a nacionalização e/ou a civilização. Portanto, a educação escolar foi e, às vezes, ainda é instrumento de colonização. As mudanças ocorridas na construção da história da educação escolarizada indígena, no estado de Mato Grosso e, em muitos outros Estados, deve-se à participação de ações indigenistas

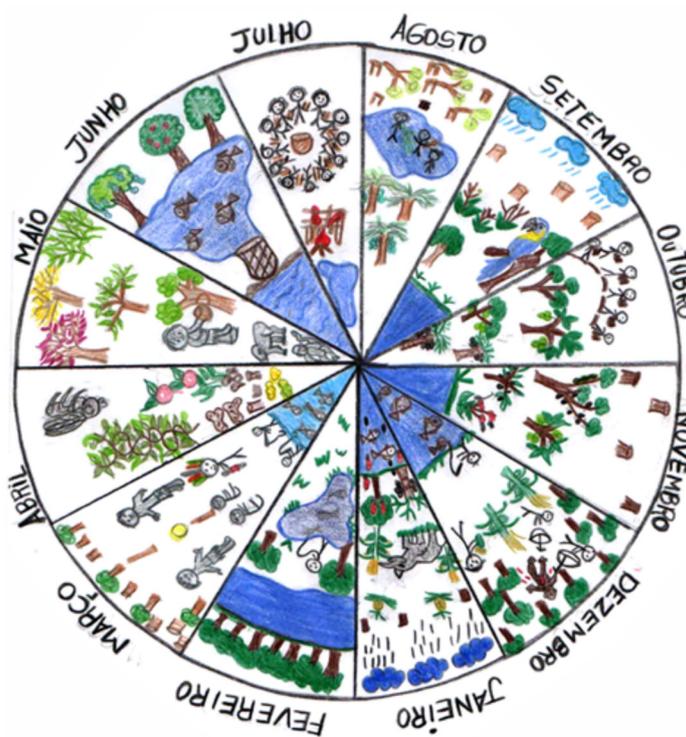
e, principalmente, do movimento indígena. Atualmente, a lei que orienta a educação brasileira é a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Observa-se que a educação escolarizada se organiza em níveis e modalidades. Assim, a educação básica, que é um dos níveis de educação, organiza-se em três etapas que são: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Essa lei reconhece a **educação escolar indígena** como uma modalidade de educação, que é bilíngue e intercultural. Também existem outros documentos específicos que orientam a educação escolar indígena no país, entre eles, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998), os Referenciais para a Formação de Professores Indígenas (2002), Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (1994), Plano Nacional para educação escolar Indígena.

As formas de pensar e fazer a educação foram diferentes em cada época e, atualmente, o que se espera é a produção de uma educação escolarizada própria, diferente, específica, intercultural, multilíngue, ou seja, construções de pedagogias indígenas.

Nesse sentido, pensar na educação escolarizada indígena e em pesquisas que possam investigar as ações dos currículos escolares das escolas indígenas, a forma como as aulas são realizadas, a participação da comunidade na construção de vivências e experiências pedagógicas é um desafio!

É importante compreender que o calendário escolar específico e diferenciado tem muito do que existe nos calendários tradicionais (Fig. 5) de cada povo.

Fig. 5 Calendário tradicional do povo Irantxe/Manoki



Fonte: Edivaldo Lourival Mampuche

Lembrar e dialogar sobre a história da educação e da escola na sua comunidade é muito importante, pois conhecer sobre como a educação escolarizada foi sendo realizada em sua comunidade é uma forma de buscar interpretar os significados e as produções pedagógicas próprias do seu povo, dentro da escola.

São as formas de pensar e de fazer práticas pedagógicas nas salas de aula das aldeias que nomeamos de **concepção de educação**. Ou seja, a concepção de educação é a forma como pensamos e fazemos funcionar nossa escola.

Sobre isso, vamos refletir um pouquinho?

Como é pensada a escola da sua comunidade? Que práticas pedagógicas específicas são realizadas dentro do currículo escolar? O currículo da sua escola é intercultural? Tem ciência e etnociência no currículo? Como fazer para pesquisar as práticas pedagógicas na escola da sua comunidade?

Também voltamos a perguntar:

Quais são as bases filosóficas de pesquisa em educação?

Para estudarmos e investigarmos pesquisa em Educação, existem vários métodos. São esses métodos que balizam filosoficamente as pesquisas em educação. Assim, neste caderno, elencamos três métodos a serem apresentados, são eles: empírico, dialético e o fenomenológico.

Primeiro vamos explicar a palavra **método**. Ela significa o jeito de fazer alguma coisa e, neste caso, é o jeito de fazer e de interpretar a pesquisa que você vai realizar.

O **método empírico** é uma forma de pesquisa que busca comprovação pela experiência, quando é feita em laboratórios ou pela observação. Esse tipo de método é muito antigo e um dos cientistas a usar esse procedimento metodológico, no século XVI, foi Galileu Galilei. Ele usou da experimentação e da observação. Atualmente, é um método muito usado na pesquisa em educação, ele é o resultado da prática da observação da realidade, parte do mundo da experiência para compreender e formar conceitos, interpretações. Baseia-se nos conhecimentos práticos, como, por exemplo: um pesquisador gostaria de saber que conteúdos são trabalhados em uma aula de campo que tenha como temática central a roça tradicional de um determinado povo. Para isso, o pesquisador terá que dispor de tempo de observação dessa realidade para poder identificar os conteúdos que são trabalhados, se são apenas os conhecimentos tradicionais, ou

se há uma organização pedagógica em que a aula contempla outros conteúdos como matemática, produção de texto, etc. O pesquisador só poderá interpretar essa aula, a partir da observação direta e participação nesta realidade. Esse método é usado para fazer registros detalhados da observação planejada no projeto de pesquisa.

O **método dialético ou método histórico dialético** compreende que o estudo e as interpretações da realidade se iniciam na própria existência do real. A partir daí, o pesquisador pensa, reflete e problematiza sobre essa realidade. Depois da abstração, do pensamento, ao analisar e compreender o que está acontecendo naquela realidade, ele constrói novos pensamentos com explicações profundas e com a finalidade de transformar a realidade para melhor. Então, esse método busca interpretar a realidade para transformá-la. É um método que procura entender as classes sociais, inclusive, a produção das desigualdades sociais; os grupos sociais diversos, entre eles, os grupos étnicos e suas relações sociais, no sentido da dominação/exploração; libertação/emancipação, etc. Por exemplo, se um pesquisador quer investigar sobre o estudo de territorialidade e território dentro de uma comunidade indígena, algumas perguntas são importantes:

Que relação existe entre a sobrevivência dos povos originários e o território?  
Como o currículo da escola indígena tem contribuído para a compreensão política do território?

Para respondê-las é preciso conhecer a realidade, ou seja, a situação do seu território. Depois é preciso pensar na história do território, nas tradições que fortalecem o território, em como a escola trabalha esse conteúdo, etc.

À medida que você vai pensando e escrevendo, é importante identificar impactos positivos e negativos que dizem respeito ao território e, por fim, é preciso pensar em ações possíveis de serem realizadas pela escola e pela comunidade, no sentido da proteção do território, de forma que protagonize uma transformação da situação do território em relação ao seu povo.

Assim, é o método dialético. Ele é o movimento que se faz por uma coletividade. Se dá na materialidade histórica que é a vida concreta. Esse método é utilizado por pesquisadores que pensam em múltiplas determinações, várias interferências dentro do contexto de realidade.

O **método fenomenológico** busca compreender a realidade pela percepção, ou seja, pelos sentidos e significados que a realidade tem para aquele determinado grupo. O mundo, o fenômeno e a realidade são entendidos pelos significados que têm para pessoas e os grupos. Por exemplo, os cânticos de um povo têm

muitos sentidos que só podem ser compreendidos por aquele povo. Eles têm representações próprias, e explicar os sentidos dos cânticos é possível pela representação e significados daquele determinado grupo. Ao explicar muitos sentimentos, sensações aparecem, e são essas sensações que fundamentam esse tipo de método.

## Unidade II - Pesquisa Qualitativa e suas técnicas – Discutir alguns tipos de pesquisa qualitativa na educação

Você encerrou a primeira unidade! A partir de agora, o nosso diálogo centralizará na **Pesquisa Qualitativa e suas Técnicas**.

Mesmo que nossa conversa seja sobre pesquisa qualitativa, não podemos deixar de mencionar o que é pesquisa e sobre a **pesquisa quantitativa**.

A pesquisa é um procedimento de investigação, uma ação humana, busca de compreensão e de conhecimentos. Para Minayo (1999), é atividade básica das ciências, um movimento de questionamento da realidade, também é um processo inacabado e permanente. Fazer pesquisa tem objetivos que são educacionais, sociais, culturais e, também, políticos. Como já dissemos, há duas abordagens: a quantitativa e a qualitativa. Iniciaremos com a quantitativa.

Esse tipo de pesquisa procura apresentar resultados e análises da investigação com dados numéricos. Ela utiliza da linguagem matemática, mensurando e quantificando os resultados, as entrevistas, as opiniões. É muito utilizada pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para saber quantidade populacional, situação econômica das famílias, etc.

Na pesquisa em educação, é muito comum o uso da abordagem qualitativa, no entanto, é muito importante que a investigação demonstre dados numéricos. Por exemplo, se você está desenvolvendo uma pesquisa na escola da sua comunidade, apresentar dados como quantidade de estudantes, situação dos professores da escola no que se refere à formação, escolaridade, são dados importantes, pois estará demonstrando o contexto de uma realidade.

A pesquisa qualitativa ficou muito conhecida na área da educação, principalmente, a partir da década de 1980 (André, 2003). Conforme Trivinos (1987), ela apresenta algumas características que são importantes, e é descritiva porque tem a preocupação em escrever sobre o fato, o fenômeno. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador observa, seleciona, interpreta e registra as informações. Dessa forma, os resultados deste tipo de pesquisa são expressos na forma de transcrição de entrevistas, narrativas, apresentações de fotografias, desenhos, etc. Esses instrumentos são utilizados com a finalidade de aproximar e de conhecer o objeto e/ou o assunto, a temática, o fenômeno da pesquisa. O objetivo é compreender os significados do que está sendo estudado/pesquisado.

Você já decidiu que tipo de pesquisa qualitativa e que instrumentos vai utilizar para fazer sua pesquisa?

Essa não é uma tarefa muito fácil, por isso, fazer leituras ajuda muito a definir qual o tipo de pesquisa pode ser utilizado no desenvolvimento da sua investigação. São vários os tipos de pesquisa, mas aqui, traremos apenas algumas.

A primeira é a **pesquisa do tipo etnográfico**. A etnografia sempre foi utilizada pela antropologia, mas ultimamente tem sido bastante utilizada na pesquisa em educação. A etnografia diz respeito à descrição densa de um povo, ou seja, de uma descrição bastante detalhada, de um jeito que, ao ler o que foi escrito, é possível que qualquer pessoa consiga entender a organização, a cultura, as tradições e as formas de fazer a educação escolarizada daquele povo. O método etnográfico é possível com muito envolvimento e tempo para a realização da pesquisa.

Segundo André (2003), os etnógrafos têm interesse em fazer a descrição da cultura, práticas culturais (Fig.6), linguagens, tradição, valores e significados de um povo.

Fig.6 - Prática cultural de fazer a farinha de mandioca – Aldeia Mayrobi



Fonte: Ferreira, 2012.

Na pesquisa em educação, o foco central é o processo educativo. Nas comunidades indígenas, o foco é o processo educativo intercultural. Nesse tipo de pesquisa, geralmente, a observação é participante porque existe grande

interação do pesquisador/a com o que se está pesquisando.

A observação participante é uma invenção atribuída ao antropólogo Malinowski (1984). Em sua obra *Argonautas do Pacífico Ocidental*, ele relata a pesquisa realizada com os *nativos* das ilhas Trobriand da Costa Oriental da Nova Guiné, para compreender o *Kula* – forma mítica de organização econômica de troca. Ele observou os diversos aspectos da cultura trobriandesa como parentesco, rituais, língua, costumes, uma atividade feita sem interferência do pesquisador, mas, com o olhar observador sobre a vida cotidiana em diversos aspectos.

Neste tipo de pesquisa, são utilizadas algumas técnicas, como a observação participante que, como já mencionamos acima, se iniciou no campo da etnografia, mas que foi sendo reconstruída, recebendo outras abordagens mais políticas, as quais iremos comentar mais à frente.

A pesquisa do tipo etnográfico, além da observação participante, também faz uso de entrevistas e, de acordo com André (2003), tem a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Utiliza ainda da análise de documentos que ajudam a contextualizar e completar informações.

Uma pesquisa do tipo etnográfico precisa da realização de pesquisa de campo, que é onde acontece a observação participante e esta só é possível com o envolvimento do pesquisador/a no contexto da pesquisa.

Então, se você for desenvolver uma pesquisa do tipo etnográfico, não pode deixar de fazer relatos densos, bem detalhados dos diferentes aspectos do seu povo. Também não deixe de centralizar nos seus objetivos e na observação da cotidianidade, das vivências na comunidade e na produção do conhecimento que se quer compreender.

**Pesquisa participante.** Esse tipo de pesquisa tem uma tradição latino-americana, com trabalhos de duas pessoas muito importantes, que são Orlando Fals Borda (colombiano) e Paulo Freire (brasileiro). De acordo com Brandão e Streck (2006), são os *movimentos sociais populares*, ou seja, movimentos organizados por diferentes grupos, a resistência étnica e a teologia da libertação, que fizeram surgir esse tipo de pesquisa. Assim, a pesquisa participante é “um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada, de conhecimento social e, também, um múltiplo e importante momento da própria ação popular (p. 28).

Nesse tipo de pesquisa, a observação participante é muito importante. Voltamos a dizer que a observação participante nasce com a Antropologia, mas, se modifica. Inicialmente, pela Antropologia, as observações participantes eram compreendidas como um jeito de observar e de narrar a vida e/ou a cotidianidade de outros grupos. Nesta vertente que estamos dialogando, ao mesmo tempo que se narra a cotidianidade dos grupos que estão e ou participam do estudo,

da pesquisa, o próprio pesquisador está totalmente imbricado, envolvido, ou é parte do grupo pesquisado.

Então, além da observação participante, é fundamental para este tipo de pesquisa, fazer uso das entrevistas livres ou semiestruturadas, registros fotográficos, análises de documentos, entre outros. A pesquisa participante representa o rompimento com a *neutralidade científica* e se constitui num desafio científico, cultural e social, uma vez que há, por parte do/a pesquisador/a, a vivência junto ao fenômeno que se está pesquisando.

Na pesquisa participante, você participa de todas as ações e etapas da pesquisa, está envolvido/a com o *lócus* da investigação, e/ou faz parte do grupo investigado. Há um envolvimento encarnado politicamente e, muitas vezes, se pretende intervir no sentido cultural-econômico-social dentro da realidade pesquisada.

**Estudo de Caso.** É um tipo de pesquisa que estuda um fato da vida real. Procura analisar profundamente uma determinada situação e, para isso, faz-se uso da exploração e da descrição do fato. É a análise profunda de uma situação específica. Para André (2003), o estudo de caso está muito próximo da etnografia, pois também é preciso fazer uma narrativa descritiva do caso que está em estudo.

Você deve estar pensando... **que tipo de pesquisa vou desenvolver?** É fundamental pensar que para definir qualquer tipo de pesquisa, primeiramente, se faz necessário saber o que quer pesquisar, por que quer pesquisar e aos poucos ir definindo os caminhos e as formas de se fazer pesquisa.

Para a construção do seu projeto de pesquisa e o desenvolvimento da sua pesquisa, é muito importante que você conheça a natureza do que quer pesquisar e, também, algumas técnicas e procedimentos que podem ajudar a pensar e a definir estratégias de pesquisa.

As **técnicas de pesquisa** são procedimentos que auxiliam o pesquisador/a na coleta de informações. **A observação** é uma técnica de pesquisa e, para fazê-la, é importante definir o que você vai observar, qual o objetivo da observação, quando e o tempo que vai observar. Ou seja, é preciso elaborar um plano de observação.

A **análise documental** diz respeito às buscas de informações que estão contidas em documentos governamentais como as leis, o uso dos dados como, por exemplo, do IBGE, documentos do CIMI, do ISA, entre outros. De acordo com Lakatos e Marconi (1991), fazem parte da análise documental imagens, gravuras, pinturas, desenhos que demonstrem um passado remoto. Nesse caso, os materiais que se encontram nos museus são documentos importantes para a pesquisa.

O **questionário** é um instrumento organizado com perguntas, e elas podem ser abertas ou fechadas. Quando elas são abertas, dá-se liberdade para quem vai responder o questionário, no momento de suas contribuições. Exemplo de pergunta aberta: Quais são as práticas pedagógicas interculturais que você, professor/a, desenvolve em sua sala de aula no ensino de história? Exemplo de pergunta fechada: Na sua escola, existe prática intercultural no ensino de história?: ( ) sim ( ) não. O questionário pode ser feito junto à pessoa ou entregue para ser recuperado depois.

Na pergunta aberta, há a possibilidade para aquele que vai responder, de narrar e apresentar uma complexidade de experiências. Na fechada, que é a modalidade de pergunta que mais aparece no questionário, as respostas são feitas de forma direta e objetiva.

A **entrevista** é uma técnica muito importante para a pesquisa qualitativa. Como o próprio nome diz, 'entre-vista', entre olhares, estar com o outro, estar junto. Mesmo que o pesquisador/a tenha definido os objetivos da pesquisa, a entrevista é um momento importante de encontro entre quem pesquisa e quem junto participa da pesquisa, sendo sujeitos do processo. Realizar uma entrevista deve ser um procedimento bastante cuidadoso, deve ter o consentimento de quem vai ser entrevistado. É aconselhável que cada pesquisador/a faça um roteiro da entrevista, que elabore as questões previamente para que este momento seja de reflexão e aprendizagem para ambos. A entrevista é uma forma de fonte oral, e sobre isso falaremos na próxima unidade.

Quando entrevistamos, é possível exercitar a escuta do outro, por isso, é importante deixar o outro falar. As informações por meio da entrevista não estão apenas na oralidade, elas estão, também, nos gestos e na forma de olhar. Assim, observar o que está sendo falado e o que está sendo expresso por outras linguagens é fundamental.

As entrevistas nos possibilitam a construção das narrativas, do uso da fonte oral e da aprendizagem da memória. Essas possibilidades serão tratadas na próxima unidade.



## **Unidade III - Pesquisa em contexto cultural indígena e os sabedores da cultura**

Nesta unidade, o nosso diálogo terá como finalidade de pensar como se realiza a pesquisa no contexto cultural indígena, por estudantes indígenas. Também, iremos evidenciar algumas marcas específicas neste tipo de investigação, incluindo as compreensões construídas, ao longo de 20 anos de experiência didático-pedagógica e, em pesquisa na Faculdade Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

Para iniciarmos este diálogo, vamos relembrar e reconhecer que a UNEMAT iniciou na América Latina, no Brasil, no estado de Mato Grosso, o primeiro curso de formação de professores/as indígenas, resultado do movimento indígena e do assumir político, no ano de 2001. Na oportunidade, a universidade atendeu 200 indígenas de diversas etnias do estado e do país. Desde o início do funcionamento desses cursos, uma das preocupações foi a exequibilidade de uma formação de professores/as em serviço que atendesse à produção da pesquisa, de tal forma, que os professores/as indígenas se constituíssem em educadores e pesquisadores intraculturais e interculturais. Tem como um dos pontos marcantes a produção do conhecimento, na perspectiva do fortalecimento de cada povo, um conhecer-se e se aceitar a si mesmo (intraculturalidade) e o conhecer e se relacionar com o outro (interculturalidade), dentro de uma dimensão de negociações políticas e da busca dos direitos humanos. Antes de produzirmos a interculturalidade, a consciência histórica de si mesmo, o conhecer-se, a (re)vitalização da própria língua, os costumes da tradição, entre outras decisões que são específicas de cada povo, são fundamentais para compreender o presente e imaginar o futuro (Marin, 2014). Compreendemos que a pesquisa acadêmica feita pelos próprios estudantes indígenas tem contribuído para um movimento que é bem maior, mas que de alguma forma, em sentido de complementariedade, potencializa a intraculturalidade e a interculturalidade, no sentido da pesquisa, das pedagogias indígenas e das vivências e decisões políticas dentro das suas respectivas comunidades.

**Então, o que é pesquisa em contexto cultural indígena? Como se desenvolvem essas pesquisas? Há diferenças com outras pesquisas em educação?**

Não estamos aqui para responder tais indagações, mas elas são orientadores para pensarmos a prática da pesquisa. Assim, podemos dizer que a pesquisa

segue ritos acadêmicos, mas que pode ser ressignificada pelo pesquisador e pela pesquisadora que estão totalmente imersos no contexto de vivência, que é a sua comunidade, a sua aldeia, o seu território, a sua escola. Podemos dizer que é uma pesquisa em sentido de complementaridade do contexto e das pessoas que atuam nesse contexto. Explicando melhor, os pesquisadores/as, que são os acadêmicos indígenas, produzem a pesquisa com negociações no seu contexto, na comunidade e na escola. Assim, é importante que a pesquisa tenha realmente uma função que seja cultural, social e pedagógica.

A função cultural está ligada à tradição e ao objetivo etnopolítico do desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa tem o objetivo de contribuir para a comunidade em diferentes dimensões, entre elas, o protagonismo indígena, a análise, a partir da realidade e do olhar étnico, com intensidade nas possibilidades de intervenção.

A função social corresponde ao movimento da interculturalidade, isto é, partindo da comunidade externa para a comunidade indígena, e, também, da comunidade indígena para a comunidade externa, para o meio acadêmico/social, nas construções de posicionamentos e de práticas decoloniais expressas a toda a sociedade brasileira.

A função pedagógica permite, por meio da pesquisa, que se produzam pedagogias indígenas, nas escutas, nas observações, nas proposições e no próprio fazer da pesquisa. Esta função está ligada à construção da educação escolar indígena, de forma diferenciada, específica, intercultural, bilíngue e multilíngue. Uma educação que se dá no contexto e por dentro das pedagogias indígenas, das pedagogias cosmo-antropológicas que, de acordo com Ferreira (2014), tem como intenção uma organização curricular compatível com as concepções e filosofias educativas do povo indígena, que contempla as questões socioculturais, as especificidades dos povos e as práticas culturais, sem perder de vista a interculturalidade.

Então, a pesquisa no contexto cultural indígena é um movimento de construção por parte não apenas do acadêmico/a indígena que pesquisa, mas de todos que participam da pesquisa, da comunidade como um todo, ou pelo menos, dos grupos mais próximos de inter-relações dentro da aldeia. Trata-se de uma pesquisa com finalidades pessoais, mas também étnicas.

Para você acadêmico/a desenvolver a sua pesquisa, alguns pressupostos são interessantes, entre eles, a compreensão da memória e/ou memória coletiva, o uso de fontes orais e as construções de narrativas.

A memória são as lembranças ancestrais. Compõem a memória os mitos de origem, as sabedorias rituais dos povos indígenas, as vivências, as lutas, as

aprendizagens do meio natural, mítico, cultural (Fig.7), social, pedagógico. Pela memória, se ensinam práticas culturais, mitos, e vivências dentro da comunidade.

Fig. 7-Ensino Cultural da produção de cuias Kawaiwete



Fonte: Ferreira, 2013.

A memória é passado, mas é também presente. Por exemplo, em um ritual estão presentes a memória e os conhecimentos ancestrais, mas ao vivê-lo, ao praticar o ritual, vive-se o presente. Desta forma, a memória é prática e pensamento. “Ela está presente no pensamento, nos sentimentos e percepções, bem como, na imaginação. Tudo o que sabemos ou que podemos aprender se deve as memórias que possuímos ou que iremos adquirir” (SANTOS, 2003, p.273).

A memória é então o resultado de uma interação cultural e social e, na pesquisa em contexto cultural indígena, assume um papel relevante, porque pelas memórias se reconstitui a história dos povos originários. Por exemplo, a trajetória da educação escolar indígena tem escritos bem gerais, aborda-se sempre a presença da Companhia de Jesus, quando se estuda História da Educação Brasileira, mas, muito pouco se reconstitui das especificidades das trajetórias histórias das escolas indígenas, suas construções, negociações, mediações, interações e ressignificações. Essas construções podem ser feitas a partir das memórias que existem dentro das comunidades indígenas. São memórias que registram histórias, que estão interligadas.

**O uso das fontes orais.** Sabemos que na atualidade muitas mudanças têm ocorrido em muitas comunidades indígenas, mas sabemos também que é

característico dos povos originários manterem a oralidade. Esta oralidade tem passado por diferentes transformações e tem ampliado a sua forma de ser com o uso de ferramentas como celulares e produção de áudios, vídeos, etc. Aliás, essas ferramentas têm sido complementares na produção de memórias.

### **Mas o que estamos chamando de fonte oral na produção de pesquisa?**

Antes de passarmos a pensar na questão proposta acima, é importante explicar que existem muitas pesquisas feitas nas comunidades indígenas por diferentes pesquisadores, e a maioria por pesquisadores de outros lugares do Brasil e mesmo do mundo. As pesquisas realizadas sobre a história indígena foram realizadas com diferentes procedimentos metodológicos. Silva e Silva (2010), ao produzirem um dossiê sobre o uso de fontes orais nas pesquisas de história indígena, apontaram que para a produção dessas investigações, os pesquisadores tiveram que fazer um “minucioso trabalho de interpretação da documentação produzida por viajantes, cronistas, etnógrafos e outros que, ao longo do tempo, conviveram com populações indígenas” (p.37). Mesmo utilizando todos esses procedimentos, os autores orientam que é necessário fazer uso das fontes orais para produzir registros de narrativas, a partir da oralidade, das fontes orais que são essenciais para a construção da história oral. Muitas vezes, os documentos disponíveis omitem informações, que pela fonte oral podem ser conhecidas.

Fonte oral é tudo que vem da oralidade, aquilo que foi vivido por uma determinada comunidade, em um período, uma circunstância. A fonte oral são relatos, narrativas, rememoração de acontecimentos passados e mesmo de acontecimentos presentes. Pela fonte oral é possível identificar narrativas que são feitas na individualidade, mas que reconstroem expressões coletivas.

As fontes orais são muito importantes, pois a responsabilidade de registrar como documento acadêmico é do pesquisador/a. Por isso, é necessário fazer o registro com muito cuidado, sempre buscando evidenciar a oralidade tal como ela é. Ou seja, é preciso ser fiel às narrativas orais produzidas durante pesquisa. As fontes orais podem ser capturadas por entrevistas aos anciãos, professores/as, lideranças da comunidade, isso depende da pesquisa que você está fazendo. Também podem ser coletadas em momentos de reuniões, diálogos; enfim, dentro das comunidades indígenas é o pesquisador/a que cria estratégias de como chegará a essas fontes orais.

Pelas fontes orais é possível detectar a história, as lembranças do passado, as experiências vividas, crenças, intenções, porque ela, as fontes orais, estão dentro do corpo e da memória das pessoas, dos coletivos culturais. A memória é atual,

ela é como uma testemunha e, acima de tudo, ela constitui a base da oralidade (Matos e Senna, 2011).

É importante lembrar que as fontes orais podem ser gravadas e depois transcritas, ou seja, serem registradas de forma escrita.

Nas pesquisas dentro das comunidades indígenas, especificamente, nas experiências de pesquisas junto aos estudantes da Faculdade Indígena Intercultural da Unemat, tem-se utilizado muito das fontes orais e estas tem um papel fundamental, que é de reconstruir e de elencar informações importantes que se dão num movimento de intraculturalidade, do conhecer a si mesmo. Assim, as fontes orais de dentro das comunidades indígenas, em pesquisas protagonizadas pelos próprios estudantes indígenas, têm se estruturado nos trabalhos científicos, no corpo do texto do trabalho de conclusão de curso. Mas, também, têm sido contempladas no corpo das referências, com a denominação de consultores nativos.

### **O que significa ser um consultor nativo, dentro desta perspectiva de fonte oral?**

Sobre essa questão, precisamos dialogar mais amplamente, pois se trata de um trabalho em construção. Mas, por ora podemos dizer que o/a consultor/a nativo/a é alguém da comunidade que tem experiência de vida, que tem muita sabedoria, que conhece sobre o assunto que o/a acadêmico/a pesquisador/a está desenvolvendo.

O consultor ou a consultora nativo/a é uma pessoa reconhecida pela comunidade como alguém que detém o conhecimento e tem credencial cultural e etnopolítico para ser um coadjuvante na pesquisa. Essa pessoa pode ser entrevistada, ou acompanhar o/a acadêmico/a em todo o desenvolvimento da sua pesquisa, depende muito da forma e dos laços estabelecidos, no decorrer do desenvolvimento da investigação.

O senhor Joaquim kixi (Fig.8) é cacique da Comunidade Nova Munduruku e é tido por seu povo como uma grande sabedor da cultura, ou seja, ele é uma das pessoas que ocupa na academia o lugar do consultor nativo.

Fig.8 - Liderança Munduruku



Fonte: Ferreira, 2012.

Na perspectiva da fonte oral, o/a consultor/a é a pessoa que narra, que relata, que conta as histórias, que acompanha e que, muitas vezes, orienta o/a acadêmico/a no processo da pesquisa no interior da comunidade.

Observa-se que o/a consultor/a, mesmo podendo ser entrevistado/a, ainda assim, se diferencia da generalidade de pessoas entrevistadas dentro da comunidade. O que tem sido evidenciado ao longo das pesquisas já concluídas, o/a consultor/a é uma pessoa de grande reconhecimento, a ponto de ela ser considerada como aquela que detém um determinado conhecimento, ou seja, essa pessoa é a especialista tradicional para aquele assunto. Por exemplo, nas comunidades xinguanas existem os cantadores que se fazem presentes no ritual do Kuarup, então, essas pessoas são as conhecedoras específicas dessa manifestação. Há artesões específicos dentro das comunidades e, historicamente, foram as pessoas que lideraram aldeias e situações etnopolíticas do seu povo.

Enfim... falar de consultores nativos é uma construção, e com diálogos junto a acadêmicos/as iremos nos aprofundando e compreendendo cada vez mais sobre o lugar e as características dos consultores indígenas dentro da pesquisa.

Considerando essa conversa sobre os consultores nativos, perguntamos:

**De que forma você definiria um ou uma consultora nativa? Quais características essa pessoa precisa ter para ser um/a consultor/a nativo/a? A sua pesquisa contará com a participação de um ou mais consultores nativos?**

## Unidade IV- Elaboração de projetos de pesquisa

Todo diálogo anterior deste Caderno Pedagógico foi com o objetivo de possibilitar a você, acadêmico e acadêmica, uma reflexão sobre a sua pesquisa e a escrita dela.

Assim, a pesquisa cumpre três fases, que são como rituais dentro desse processo. A primeira fase é a escrita do projeto, que é um planejamento da pesquisa. Para a escrita do projeto, é preciso saber o que você quer pesquisar, pois não pode ser qualquer coisa. Você pode pensar, por exemplo, numa situação problema da sua comunidade, ou mais especificamente, numa situação pedagógica que está inserida na escola, pois se trata de pesquisa em educação. Conforme Brandão (1988), a educação se dá em todo e qualquer lugar, nas casas, nas comunidades, nas aldeias. Também em círculos de cultura intercultural (Fig.9). Já a educação escolarizada se dá na escola.

Fig.9 - Círculo cultural na aldeia Rio Verde – Povo Paresi



Fonte: Ferreira, 2019.

Ela adentra todo o território da aldeia, se espalhando, porque o currículo acolhe a filosofia ameríndia, que se compõe de uma epistemologia ameríndia do saber rítmico, revelado, dentro de uma pedagogia que liberta, porque se tem consciência do que se quer trabalhar e do uso que se faz da escola, ou seja, um instrumento de fortalecimento do seu povo. Assim, a escola e a própria educação escolar são espaços de negociação que se estabelecem no fazer cultural e no fazer intercultural dentro de uma perspectiva da aproximação cada vez maior

dos aparatos tecnológicos, com fins de fortalecimento do respectivo grupo étnico (Ferreira, 2014).

Voltamos, então, à **primeira fase** que é identificar o que se quer pesquisar ou o que é necessário pesquisar para contribuir para o meu povo.

### Que pesquisa você irá fazer no campo da educação?

Com essa reflexão, iniciamos a elaboração da estrutura do projeto de pesquisa. No projeto conterá: tema, título, problematização, objetivos, procedimentos metodológicos ou metodologia, cronograma e referências.

O **tema** é o assunto, o fenômeno que você quer pesquisar, como por exemplo, a demarcação de territórios indígenas. Seguindo do tema, temos o título, que é mais específico, pois traz o aspecto central do que se quer pesquisar. Por exemplo, *A história da demarcação da Terra Indígena Nambikwara do Cerrado: Riquezas ambientais e culturais presentes no território*. É sobre o que você vai pesquisar.

Agora que você já pensou no tema e o delimitou, é preciso explicar, fazer uma **justificativa**, respondendo por que você vai pesquisar sobre esse tema, quais são os motivos históricos, pessoais, culturais, pedagógicos que justifiquem, que expliquem que é importante realizar a sua pesquisa.

Com uma boa justificativa, outras pessoas que lerão o seu projeto compreenderão a importância da realização da sua pesquisa, porém, ainda há outros aspectos que precisam ser evidenciados no seu projeto de pesquisa. Portanto, o próximo item a ser organizado no seu projeto é a **problematização**.

Sabemos que toda pesquisa nasce de uma situação problema. Mas o que é isso? Pode-se dizer que é alguma coisa que nos incomoda, que dá sentido à pesquisa, algo que está presente na cotidianidade da comunidade, da escola, que seja observável na realidade. Para escrever a problematização, iniciamos contextualizando, ou seja, relatando sobre o problema. Também elaborando uma pergunta, ou perguntas problemas. Por exemplo, seguindo o título que escrevemos anteriormente pode-se questionar: Como ocorreu a demarcação do território Nambikwara do Cerrado?

Imagine que a escrita do projeto é a apresentação dos objetivos da sua pesquisa para outras pessoas lerem e entender. É a elaboração de um planejamento para ser executado. Nesse sentido, o seu projeto de pesquisa tem objetivos, e esse é um outro item que queremos comentar.

Assim, nos objetivos do seu projeto de pesquisa, você apresenta a finalidade, o que você realmente quer da pesquisa. Isso você pode fazer, iniciando a escrita com um verbo de ação como se respondesse ao o que você vai fazer. Por

exemplo: Compreender a história da demarcação da terra indígena, suas riquezas ambientais e culturais, os lugares sagrados e a importância desse território para o povo Nambikwara. Os objetivos se dividem em gerais e específicos. O geral é bastante amplo, e os específicos anunciam pequenas ações possíveis de realização.

Se o projeto de pesquisa é um planejamento a ser executado, é preciso pensar como o executaremos, e aí, construímos o que chamamos de Metodologia e/ou Procedimentos Metodológicos. Se trata do caminho, da trajetória que você irá seguir na sua investigação. Para isso, é necessário saber quais pessoas você precisa contactar para serem sujeitos ou pessoas que colaborarão com a sua pesquisa. Também é importante se lembrar das bases filosóficas da educação, do uso da memória e da história, bem como, dos instrumentos, como entrevista, observação, técnicas de pesquisas que podem ser utilizadas por você. Pois bem, na metodologia e/ou procedimentos metodológicos, você deve descrever os passos da realização da pesquisa. Tudo isso com a ajuda dos autores que tratam de métodos e metodologia em pesquisa.

Se já pensou no tema, no título, no problema, objetivos e na metodologia, é preciso pensar e decidir quando as diferentes ações serão realizadas.

**Quando você iniciará leituras sobre o seu tema? Quando fará observações? Quando fará entrevistas? Quando analisará as informações? Quando deixará o seu TCC pronto?**

Para isso, é construído um cronograma, uma organização do tempo em que os diferentes procedimentos metodológicos serão realizados.

Estamos quase terminando, sobre a escrita do projeto de pesquisa, que aliás vocês já iniciaram na etapa presencial em 2019. Para você escrever o seu projeto de pesquisa, que é um planejamento de como investigar o seu tema, você teve aulas, leu o Caderno Pedagógico, refletiu e, também, fez uma coisa muito importante, que é fazer leituras sobre o que já pesquisaram e escreveram sobre o seu tema. Ou seja, você utilizou da ideia de pesquisa de outros autores para lhe ajudar a escrever o seu projeto de pesquisa. Para os materiais bibliográficos que você consultou, existe um lugar especial para ser registrado, e esse lugar é a referência que precisa ser feita da seguinte forma, de acordo com a ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas:

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; BARBOSA, Samuel Rodrigues (Orgs.) Direitos dos povos indígenas em disputa. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

Após escrever seu projeto de pesquisa, é preciso apresentá-lo, socializá-lo com a comunidade acadêmica, para pessoas experientes no assunto. Essas pessoas contribuirão para a segunda fase da realização da sua pesquisa.

Encerramos a primeira fase, quando terminamos a escrita do projeto e o apresentamos à universidade.

Depois dessa primeira parte do ritual, iniciaremos a segunda fase.

A segunda fase é feita dentro da sua comunidade ou da escola, onde a pesquisa será realizada. É a execução da continuidade das leituras, das visitas em *sites*, das observações, das entrevistas, dos registros de imagens, enfim, a segunda fase é a vivência da pesquisa pelo acadêmico/acadêmica, sob o acompanhamento e orientação do seu orientador ou orientadora. Para a realização da pesquisa, é importante que o estudante sempre retome a escrita do seu projeto e fique atendo como planejou a sua metodologia de pesquisa. Também é importante que tenha um caderno de campo, que é o lugar onde fará todas as anotações da vivência da pesquisa, ou poderá fazer uso dos instrumentos disponíveis no celular para registros.

A terceira fase da pesquisa, que ocorre, às vezes, concomitante à segunda, é a elaboração das análises e dos registros, em forma de TCC, ou seja, a escrita do trabalho de conclusão de curso. Trata-se de uma escrita que apresenta o relatório, os resultados com reflexões e análises da pesquisa. O TCC tem uma estrutura específica e a produção da pesquisa fica sob responsabilidade do orientador e/ou orientadora. É fundamental que esse acompanhamento seja feito respeitando-se as marcas étnicas e a linguagem do português indígena.

A estrutura do TCC é composta de três partes: a primeira é chamada de pré-texto e é composta de capa, ficha catalográfica, ficha de aprovação com o nome dos membros da banca de avaliadores, dedicatória, agradecimentos, resumo em duas línguas (Língua Originária/Língua Portuguesa) ou (Língua Portuguesa/Língua estrangeira), lista de ilustração (opcional), lista de abreviaturas (opcional) e sumário.

A segunda parte é chamada de texto, no qual vai a sua escrita, seus relatos, suas análises feitas no percurso da pesquisa e agora apresentada para os leitores. Compõem esta parte, a introdução do seu TCC, o desenvolvimento, que pode estar organizado em duas ou mais partes, com títulos e subtítulos que relatam a vivência e análises da investigação. Também compõem esta parte as considerações finais, que é o lugar onde você faz uma reflexão final da sua pesquisa, podendo apontar outros caminhos a seguir, inclusive.

Terminando a segunda parte estrutural do TCC, há o pós-texto, que são as referências. Nesta estão a relação dos livros lidos, dos artigos, das dissertações,

teses, consultas em sites, web-bibliografias e os consultores nativos.

Caro/a acadêmico/a, chegamos ao final deste caderno pedagógico, e é preciso pensar e avaliar.

**O que você já desenvolveu do seu projeto de pesquisa? Já conversou com seu/sua orientador/a? Tem feito leituras?**

É preciso avaliar em que momento da sua pesquisa você está e entrar constantemente em contato com seu orientador ou orientadora.

O tempo está passando, retome o seu projeto, faça a leitura dele e vamos fazer a pesquisa. Não deixe para última hora, a realização da pesquisa é responsabilidade sua! Relate tudo que tem sido feito, fotografe, grave as falas se for possível. Não se esqueça, faça tudo com muito cuidado, pois o isolamento social, o uso de máscara e de álcool 70 é importante! Com cuidado e com todos/as na aldeia, o trabalho pode continuar.

Bom trabalho! Boa Pesquisa!  
Abraços Interculturais!

## Referências

ANDRÈ, Marli Eliza D. A. de. Etnografia da prática escolar. 9. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Que é Educação. 21ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo Romeu (Org.). Pesquisa participante: a partilha do saber. Aparecida: SP: Ideias e Letras, 2006.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para escolas Indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Referenciais para a Formação de Professores Indígenas Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena. Elaborado pelo comitê de Educação Escolar Indígena. - 2ed. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.

CORDEIRO, Manuela Souza Siqueira. O narrador e o etnógrafo: uma leitura de Argonautas do pacífico ocidental, de Malinowski. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 44, n. 2, jul/dez, 2013.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira. Educação escolar Indígena na Terra Indígena Apiaká-Kayabi em Juara-MT: Resistências e Desafios. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 4. ed. Tradução por Carlos N. Coutinho e Leandro Konder. S. Paulo: Paz e Terra, 1992.

JAPIASSU, Hilton. Introdução ao pensamento epistemológico. 5 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MATOS, Júlia Silveira e SENNA, Adriana Kivanski de. História oral Santos como fonte: problemas e método. História, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MARQUES, José Geraldo. O Olhar (Des)Multiplicado: O Papel do Interdisciplinar e do Qualitativo na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. In: Anais do Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste, 1. ed., Rio Claro: UNESP, p. 47-92, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1984.

MARÍN, José. Educação e Interculturalidade: conhecimentos, saberes e práticas descoloniais. In: E. Cechetti, Educação e Interculturalidade. Blumenau: Edifurb, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Pesquisa social – teoria, método criatividade. 13. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História e Memória: o caso do Ferrugem. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 46, pp. 271-295 – 2003.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes e SILVA Giovani José da. História indígena, antropologia e fontes orais: questões teóricas e metodológicas no diálogo com o tempo presente. História Oral, v. 13, n. 1, p. 33-51, jan.-jun. 2010. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n46/a12v2346.pdf>

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

## Biografia da Autora



**Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira** é Doutora pela UFGRs e docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (DE). Tem experiência na área de Educação, atuando nos seguintes temas: Educação Escolar Indígena, Educação Ambiental, Comunidades Ribeirinhas, Cultura, Pantanal e Currículo. É Professora do Curso de Pedagogia do Câmpus Juara/MT. Atualmente é Coordenadora Pedagógica do Curso de Pedagogia Intercultural da FAINDI/UNEMAT e professora do Programa de mestrado em Educação - PPGedu e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI/Barra do Bugres. E-mail: [waldineiaferreira@unemat.br](mailto:waldineiaferreira@unemat.br)



**UNEMAT**

*Universidade do Estado de Mato Grosso*  
*Carlos Alberto Reyes Maldonado*

